

**Discurso da presidente da Associação de Magistrados da Justiça do Trabalho da 6ª Região (AMATRA VI), durante a posse dos novos dirigentes do TRT6, realizada de modo virtual, no dia 04 de fevereiro de 2021.**

Boa tarde! Excelentíssima Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Ministra Maria Cristina Peduzzi, autoridade em nome da qual saúdo os demais integrantes da mesa de honra virtual, bem como todas e todos os presentes nesta solenidade de posse dos novos dirigentes do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região para o biênio 2021/2023.

Inicialmente, gostaria de externar a honra de figurar como representante da Amatra VI em duas posses consecutivas deste Regional, oportunidade garantida pela reeleição para presidir a entidade, em setembro de 2020. Sei também do peso da responsabilidade de representar a nossa gloriosa associação, que, também no ano de 2020, completou 45 anos de história e congrega a ampla maioria dos magistrados e magistradas da 6ª Região. Essa trajetória sempre foi pautada na defesa da autonomia, da dignidade e da independência da Justiça do Trabalho, além da incessante busca pela melhoria das condições de trabalho dos associados e associadas, através da construção democrática para o alcance das soluções possíveis para cada momento histórico. E bem sabemos que aquele que estamos atravessando desde o ano passado é particularmente difícil e desafiador.

Tal como fiz na posse dos gestores que hoje se despedem, em 07 de fevereiro de 2019, vou iniciar me dirigindo àqueles que há dois anos, abraçaram esse desafio, tornando-se dirigentes do TRT6, e que hoje passam o bastão, com a certeza do trabalho bem realizado. Dirijo-me, portanto, aos Desembargadores Valdir Carvalho, Dione Furtado, Clara Saboya e Virgínia Canavarro. Muitas foram as conquistas alcançadas através de um diálogo franco da Amatra VI com a Administração que hoje se despede. Apenas para citar alguns exemplos, diante do exíguo tempo para este pronunciamento, destacaria a execução do acordo que garantiu aos juízes substitutos o justíssimo assessoramento, promoveu a migração de servidores, a transformação de funções e uma distribuição proporcional entre as instâncias; a participação em todas as fases preparatórias para a implementação da autogestão em saúde no âmbito do Tribunal hoje uma

realidade; e o engajamento nos comitês da administração, garantida a fala institucional, construída a partir da demanda dos associados e associadas.

Essas referências são apenas exemplificativas, mas certamente o grande destaque da gestão que se despede é a forma como se portou após a declaração, pela Organização Mundial de Saúde, do estado de pandemia ocasionado pelo novo coronavírus, em março de 2020. A partir desse momento, houve a formação de um comitê emergencial, que contou com a participação da Amatra VI, com o objetivo de acompanhar a evolução do quadro, bem como de garantir as medidas de biossegurança necessárias a um retorno gradual e com foco na preservação da saúde dos magistrados e magistradas, servidores, estagiários, terceirizados, advogados e todos os usuários do sistema de justiça. À Amatra VI foi garantido o lugar de fala, o espaço para apresentação das sugestões que partiram de sua base de associados, o que culminou na edição de atos que revelaram o cuidado e a cautela imprescindíveis para um momento tão amedrontador para todos nós, nossas famílias, amigos, além de toda sociedade, especialmente aqueles mais vulneráveis.

Esse olhar de cuidado para os que fazem o Tribunal fez com que nos sentíssemos parte de um mesmo time e nos fortaleceu num período em que a capacidade de gestão passou por um teste muito árduo. Diante do que aqui expus de maneira breve, venho, em nome da Amatra VI, externar o nosso reconhecimento e gratidão à gestão do Tribunal no biênio 2019/2021.

Quanto aos dirigentes que hoje tomam posse, vou resumir o nosso desejo na fórmula dos três “s”: sabedoria, serenidade e sensibilidade. Essas serão habilidades essenciais para uma fase de incerteza sobre o fim do estado de pandemia, além da criatividade para buscar soluções para o enfrentamento das cicatrizes deixadas por esse momento. Já sentimos o peso delas. Já tivemos muitas perdas, muitos medos e resignificamos, a partir disso, as nossas relações e prioridades.

O apelo que faço se volta à manutenção do canal de diálogo aberto e que a gestão incentive esse debate democrático de ideias e a transparência nas ações. Tenham certeza de que Vossas Excelências contam com juízes, juízas, servidores e servidoras sempre dispostos a auxiliar a administração na superação dos desafios. Afinal, somos partes de uma mesma engrenagem, desempenhando cada uma um papel essencial para o bom funcionamento da instituição e para que

a sociedade, destinatária do nosso trabalho, encontre aqui o acolhimento necessário.

Após essa fala que abordou o medo, a vulnerabilidade, gostaria de encerrar falando de esperança, tocada pela pregação do nosso querido Frei Rinaldo, na bela e emocionante missa em ação de graças de ontem. Para isso, invoco um outro trecho da Carta Encíclica Fratelli Tutti, do Padre Francisco sobre Fraternidade e Amizade Social, na parte final do Capítulo I: “Convido à esperança que nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança!”.

Acredito que essa mensagem potente e reconfortante toca a todos e todas, independentemente da religião que cada um professa. Com ela encerro, agradecendo pela atenção e oportunidade de representar a Amatra VI nesta solenidade. Obrigada!